

Educação Jesuíta versus Compromisso pelo Direito de Educação de qualidade para todos

Reflexões na Reunião do Grupo Central de Educação da
GIAN (Global Ignatian Advocacy Network)

Luis Ugalde, S.J.
Madri, outubro de 2016

Em geral, nas instituições educativas da Companhia de Jesus em todo o mundo, percebe-se que há pouca consciência da importância e necessidade de seu envolvimento na defesa e promoção de uma educação integral de qualidade para todos e todas, além de suas fronteiras e comunidades com as quais trabalham. Para conseguir que a educação jesuíta se comprometa, de maneira generalizada e global, com a defesa desse direito, é necessário revisar as dificuldades e objeções que geralmente freiam a ação e refletir sobre as respostas que podemos lhes dar, para depois examinar a finalidade e possibilidades da Rede Ihes GIAN-Educación.

1. Dificuldades e objeções

Um avanço significativo em educação de qualidade para todos e todas requer reconhecer este direito, e este reconhecimento é um enorme desafio para todos os sistemas educacionais, as sociedades, particularmente as famílias e os Estados. É um desafio em cada um dos países e é um desafio global para toda a humanidade, que também interpela a Companhia de Jesus.

Contudo, a maioria dos que trabalham na educação jesuíta (leigos e jesuítas) logicamente se sente diretamente responsável pela educação que realiza em seu centro e trata de concentrar ali a sua responsabilidade, dando o melhor de si. Eles podem considerar uma distração olhar para a qualidade da educação oferecida por outras instituições ou por grupos de populações excluídas desse direito, por considerá-lo responsabilidade dos governos. Isso pode fazer com que não o assumam como tarefa e responsabilidade próprias de sua particular identidade e missão institucional; nem como tarefa e responsabilidade contraída por fazer parte de uma rede apostólica da Companhia de Jesus que declara tal compromisso.

É fato que a educação jesuíta em suas diversas formas representa muito menos de 1% da educação do mundo e de cada país. Isso pode levar a não assumir uma responsabilidade pública que eles sentem extrapolar cada centro e circunscrever-se aos limites e possibilidades

próprias. A questão apresentada por GIAN Educación poderia parecer-lhes uma distração para algo que não é diretamente de sua responsabilidade. Mesmo os educadores que concordam com a importância e a necessidade de uma educação de qualidade para todos, podem não ver qual é sua responsabilidade e possibilidade de contribuir na luta para tornar esse direito uma realidade para todos. Eles podem até considerar negativo e perigoso que estabeleçamos objetivos nacionais e internacionais que nos superam e cuja conquista, certamente, é responsabilidade de outras pessoas com recursos públicos e políticas dos governos.

Estas razões poderiam levar-nos a pensar que a educação jesuíta, por meio de seus centros e redes, não deveria assumir o direito de todos a uma educação de qualidade como seu próprio objetivo, e que o consideram uma tarefa e responsabilidade que está fora de suas possibilidades, responsabilidades e meios disponíveis.

2. Respostas a estas objeções

As objeções podem ser verdadeiras e válidas em certo sentido. No entanto, que as instituições educacionais jesuítas estejam convencidas da importância de sua contribuição para tornar efetivo o direito de todos a uma educação de qualidade, é fundamental e de grande valor para a qualidade da educação daqueles que estudam conosco, de modo que a inspiração cristã de nossos alunos e ex-alunos esteja animada por uma fé que inclui a justiça e os comprometa na construção de uma sociedade inclusiva com oportunidades para todos e todas.

Recordemos que a educação da Companhia, desde os seus inícios, atingia uma porcentagem muito pequena da sociedade, mas tinha uma visão e um objetivo público, de serviço a toda a sociedade, por meio da liderança e incidência social e em políticas públicas, dos poucos que recebiam educação jesuíta.

Além disso, hoje a Igreja e a Companhia assumiram decisivamente a opção evangélica pelos pobres e tratam de viver uma fé ativada pelo amor que é construtor de sociedades justas. O compromisso da Fé-Justiça nutre-se da fé em Jesus que nos revela um Deus-amor, que é inseparável do amor ao próximo.

Nós, agora no século XXI, compreendemos que a melhor forma de solidariedade com os pobres é a educativa, que busca uma educação de qualidade que os capacite, de modo que se eliminem as diferenças que reforçam a pobreza, pois uma pobre educação para os pobres perpetua as raízes da pobreza.

Hoje afirmamos que a qualidade educativa em nossos centros se mede por seus efeitos na formação de homens e mulheres para os outros e com os outros, que sejam conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. Se através da nossa educação, neste século, não afirmarmos ou promovermos uma educação de qualidade para todos e todas, a educação que oferecemos não estará marcada por estes 4 Cs: não formará pessoas comprometidas com a vida digna dos pobres e com a superação de sua exclusão. Pelo contrário, assumir esta bandeira e cultivar essas convicções humano-cristãs não é diminuir a qualidade de nossos colégios, mas elevá-la.

É verdade que nossa educação só atinge diretamente as minorias, mas também é verdade que buscamos liderança e incidência na formação de homens e mulheres para os outros, com uma clara consciência dos direitos públicos, que rejeitam toda discriminação e exclusão desumana e que defendem um mundo global e uma realidade nacional, onde a educação dos pobres hoje tenha a qualidade necessária para não deixá-los excluídos ou marginalizados.

Além disso, temos hoje o dever de defender o direito dos pobres para que os Estados destinem à sua educação parte importante dos recursos públicos. A Companhia de Jesus transmitia educação sem cobrá-la, apoiada por fundações e rendas para sustentá-la. Com o tempo já não é possível esse ideal inaciano, baseado em fundações, para ampliar nossa ação a setores com menos recursos, mas é possível e necessário fazê-lo através de maiores contribuições (subsídios, bolsas de estudos etc.) de orçamentos públicos. A Companhia, através de todos os seus centros e redes internacionais, deve continuar defendendo que crianças e jovens de áreas populares que atendemos não sejam discriminadas e careçam da educação de qualidade por falta de orçamento público. É necessário também promover maiores contribuições da solidariedade social nos diferentes países.

Temos que refletir mais sobre o sentido da educação pública, para sair em sua defesa a partir do seu verdadeiro sentido social. A educação é um serviço e um bem público, seja administrado por entidades privadas ou mantido com recursos públicos. Muito menos se pode aceitar que a educação com financiamento público esteja a serviço proselitista de partidos políticos nos governos em exercício. A educação pública deve ser uma educação plural para uma sociedade plural. Devemos ensinar e defender que o público não é o mesmo que o estatal e Estado não é o mesmo que Governo. A educação jesuíta em

qualquer setor social deve ser, também, uma defensora da educação como um bem público.

Todo o exposto implica mudanças na consciência e nos valores culturais, que sempre são lentos e tomam muito tempo, mas são de grande eficácia duradoura. Hoje, por exemplo, é inaceitável o sistema escravagista, que por milênios foi aceito e até legitimado filosoficamente e teologicamente. O mesmo se diga da exclusão da mulher da escola e da universidade. As mudanças culturais são de tal força e transcendência que hoje, na América Latina e em outros continentes, há muito mais mulheres do que homens estudando nas universidades, coisa impensável há um século.

Não é fácil medir os avanços da nova consciência sobre o direito de todos e todas a uma educação de qualidade, mas é evidente a sua importância. A educação jesuíta em todos os níveis e setores deve ser portadora desta nova consciência e promover a mudança na opinião pública para dar-lhe prioridade nas políticas dos governos e nos seus orçamentos.

Futuramente, a educação jesuíta terá uma identidade mais específica, ainda que haja menos jesuítas e grande maioria de leigos. Isto significa (e já o estamos vivendo) que o selo distintivo da fé-justiça ao modo de Jesus, que vive e atua em nome de Deus-amor, deve ser mais visível e sua qualidade deve distinguir-se claramente pelos 4 Cs mencionados acima tal como enfatizou o P. Kolvenbach (Villa Cavalletti 29/04/1993). Palavras incorporadas posteriormente no documento oficial *Pedagogia Inaciana, uma proposta prática*.

3. Objetivo e possibilidades da Rede GIAN-Education

Devemos ter claro o que é possível e depende de nós para melhorar a educação pública, e o que está além de nossas possibilidades diretas. Além disso, qual é a característica imprescindível do conteúdo da educação em nossos centros e na visão e consciência que fomentamos em nossos educadores, alunos e pais da família.

Em alguns casos em que temos centros educativos diretamente com os pobres, o nosso compromisso deve ser trabalhar pela qualidade e demonstrar que isso é possível, mesmo em condições adversas, e desenvolver modelos replicáveis. Nesse sentido, podem fazer muito movimentos educacionais-sociais como Fé e Alegria.

Uma vez que o direito à educação vá sendo compreendido e aceito, ele deve ser incluído nos conteúdos educacionais de cada

colégio e universidade, e assumido na organização de atividades anuais, como a celebração da semana ou do dia do *Direito de todos à educação de qualidade*. Isso permite formar, motivar e incentivar as crianças, jovens, educadores e famílias na defesa desse direito por sua transcendência estratégica na construção de sociedades mais justas.

Em nossas mais de 200 universidades, a pesquisa, os fóruns e debates devem assumir e até liderar a formação de uma consciência racional em torno deste tema, e trabalhar com amplitude e em aliança com aqueles que o fazem e muitas vezes nos precedem.

Acreditamos que, neste encontro em Madri, devemos falar de estratégias que serão diferentes de acordo com os países e continentes e, também, de acordo com os setores sociais com os quais trabalhamos.